

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 197 — Domingo, 17 de Março de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

NO MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. Dr. BAPTISTA COELHO

foi empossado ontem

pelo sr. Ministro do Interior

NO ALTO CARGO DE GOVERNADOR CIVIL DE FARO

FOI nomeado governador civil de Faro o sr. dr. António Baptista da Silva Coelho. O acto da posse realizou-se ontem, pelas 15 horas, no gabinete do sr. ministro do Interior, dr. Trigo de Negreiros. O acto desta cerimónia se ter

realizado à hora do nosso jornal começou a ser impresso privando-nos de podermos fazer-lhe mais larga referência, como desejaríamos. Referir-nos-emos, pois, no nosso próximo número, a este acto da mais alta importância para a vida administrativa do Algarve.

Entretanto, não podemos deixar de salientar, desde já, que nos é particularmente grato ver um algarvio ilustre na chefia do Distrito, o que, de certo modo, constitui segura garantia de que os problemas da nossa provincia serão tratados com especial carinho e interesse.

O sr. dr. António Baptista da Silva Coelho, que nasceu em Monchique, é licenciado em Filologia Ger-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CRÓNICA DE OLHÃO

ENQUANTO AS TRINEIRAS DESCANSAM

SIM: enquanto a sardinha não desovar prodigamente e os barcos permanecerem nos estaleiros restaurando-se de uma época bem trabalhosa, — a vila parecerá diferente, sem vida, embrenhada numa pasmaceira imbecil mas repousante. Estas terras marítimas! Faltando-lhes a pesca, falta-lhes tudo. Maior desolação creio não haver do que os cais desertos e a ria sem o vôo das gaivotas que acompanham os barcos até à lota! Nestas belas manhãs de inverno, a paisagem deslumbra-nos; sim, o azul do céu é incomparável, o mar matiza-se em

caprichosos tons, e o branco das açoteias parece mesmo branco; mas um vácuo sente-se, uma falta de movimento, de alegria, torna a magnífica paisagem sem significado e sem vida. Falta-lhes o principal: calor humano...

A' porta da barbearia do meste Domingos, ali para as bandas do Levante, gosto de passar um bom bocado da tarde. Em frente, o espaço amplo, o local do mastro que se ergue todos os anos pelo S. João, a parede amarela da «Conserveira do Sul»; mais adiante, os terrenos baldios do extinto estaleiro, a doca nova, a planura relvada que se estende até Pedro José, a praia suja e abandonada.

O estabelecimento é acanhado. Junto de mim, uma gaiola pequena, que guarda um canário, faz-me recordar Raul Brandão e as suas

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



ATENÇÃO AO ENSINO PRIMÁRIO

O PROBLEMA DA OBRIGATORIEDADE

PELO DR. VICTOR DE SÁ

O ENSINO primário dá-nos o índice do nível cultural dum povo. Muito mais que o ensino técnico e o ensino universitário. Porque, enquanto estes são especializações mais ou menos profissionais, que numa sociedade como a nossa tocam sectores muitíssimo reduzidos da população, aquele, o ensino primário, é, pela sua própria estrutura e extensão, o que constitui a base cultural por excelência. Tem mesmo em muitos países a designação de ensino de

base, e vem merecendo especiais atenções a maioria dos povos que, após a última guerra, se refizeram já dos tremendos golpes materiais sofridos.

A generalização do ensino primário é um fenómeno cultural e social decorrente do liberalismo. Foi com a entrada em crise da mentalidade feudal que se pôs o problema da necessidade de generalizar a maioria dos cidadãos um mínimo de conhecimentos que lhes permitisse, pelo menos teó-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Pelo ENG. SILVA GARVALHO

EU não fazia uma ideia muito exacta das possibilidades intelectuais do sr. Antero Nobre. Um dia destes, ouvi-o. E fiquei bem impressionado. E' pessoa inteligente, sabedora, e que, sobretudo, sabe levar a água ao seu molinho.

Nesta palestra que agora lhe ouvi, ele falou... falou com inequívoco equilíbrio e, envolvendo-se de poesia, e duma certa dose de idealismo romântico, conseguiu dar vida a um morto e homenagear pessoas que, quanto a mim, não têm jus a grandes homenagens. A folhas tantas, o sr. Antero

Nobre teve a perfeita noção do objectivo alcançado e... lançou um repto a qualquer possível contraditor. E' essa a razão por que aqui estou.

No Universo, nada se perde, mas também nada se cria. Este princípio, embora não confessadamente, aplicou-o o sr. Antero Nobre à vida da Casa do Algarve. Mas foi mais longe: obrigado a manter o mito da coexistência dum grupo fundador e dum grupo reorganizador da mesma Casa e, portanto, metido entre a espada e a parede, ele identificou a vida e a morte numa mesma ideia. Para glória do grupo reorganizador, a segunda casa nasceu da cinza (outros, menos poetas, diriam: E' filha das tristes ervas); para eterno galardão do grupo fundador (tudo gente já de si ilustre) a primeira Casa nunca morreu, isto é, morreu e não morreu, já não existe, mas ainda existe...

Paradoxo?! Qual carapuça! Quem afirma tal?

A tese do sr. Antero Nobre é muito simples: Homenagens a todos, glória a todos. E para tanto afirmar, trata-se apenas duma espécie de ovo de Colombo, que não assenta sobre uma mesa, mas... sobre duas singelíssimas premissas:

- 1—A nova Casa do Algarve é a chama duma outra chama;
- 2—A outra chama não morreu, porque se fez em cinza.

Deste estranho silogismo — dirá o leitor — conclui-se que... a nova chama é cinza, matéria inerte, sem vida.

O' gente ingrata! Não se tira conclusão nenhuma. Ai é que reside a genialidade do sr. Antero Nobre: A primitiva chama era tão intensa, tão cheia de calor, tão miraculosa, que devorou espírito, devorou matéria, devorou até... a lógica de qualquer conclusão.

Dessa chama não resta, sequer,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O SOCIALISMO E O TRADICIONALISMO EM EÇA DE QUEIROZ

Por N. RODRIGUES PENA

O SOCIALISMO de Eça, um socialismo vago, sentimental, um tanto romântico, foi apreendido nas constantes e assíduas leituras do autor da «Philosophie de la Misère». Afugira-se-nos, no entanto, exagero atribuir a Eça muito seriamente essa qualidade de socialista. Não sabemos mesmo em que medida a actividade dum José Fontana e de Antero influenciou o grupo dos intelectuais da geração de 70. Eça em política foi apenas um dileitante. Nas «Notas Contemporâneas», escreve: «Constituo-

nais, Socialistas, Miguelistas e Jacobinos são, de resto, para mim, bons para a arte, quando são típicos, todos igualmente explicáveis, todos igualmente interessantes». Todos os acontecimentos e manifestações da vida, no entanto, mereciam a sua cuidadosa observação. As ideias socialistas, nesse tempo, tinham fraco auditorio nas massas populares e facto verdadeiramente esclarecedor é que ao socialismo de Proudhon apenas aderiam as camadas cultas do país. E' o Eça a anotar o facto aquando dos acontecimentos da Comuna de Paris: «E' muito mais cómodo encontrarmos-nos com quem representa o proletário, sossegadamente, na sala do casino, de que encontrarmos o próprio proletário, mudo, taciturno, pávido de ambição ou de fome, armado de um chuço à embocadura de uma rua». O socialismo para Eça nunca foi encarado como um facto viável, a construir num futuro próximo, e, certamente, nunca alimentou ilusões sobre a exequibilidade das ideias que consubstanciavam o seu ideal. Não podemos levá-lo muito a sério quando escreve ao Prof. Emílio Garcia, a anunciar-lhe «As Farpas»: «Eu mesmo que te faço sou membro da Internacional», e numa carta a Ramalho Ortigão alude ao «sangüinário Batalha» que era, nem mais nem menos,

do que o seu amigo Batalha Reis. O fraco desenvolvimento da indústria nacional e, consequentemente, a inexistência dum operariado explicam bem o insucesso do socialismo nas camadas populares. Todos esses grandes homens que seguiam Proudhon eram personalidades de relevo na sociedade portuguesa, pessoas de certo modo ilustres que não só possuíam relações nos meios influentes do país, como até conviviam com os próprios reis. A

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

O TRÁFEGO entre Ayamonte e

Vila Real de Santo António

O director geral das Alfândegas de Espanha, sr. D. Ramon Orbe Gomez, visitou há dias, na vizinha cidade de Ayamonte, a zona onde vai ser construído o futuro porto destinado ao tráfego português.

Trata-se de uma das mais antigas aspirações de Ayamonte e Vila Real de Santo António, pois as novas instalações portuárias permitirão intensificar o tráfego luso-espanhol, tanto em passageiros como em mercadorias, entre as duas margens do Guadiana.

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Amanhã

Disse-o um poeta, Cabral do Nascimento.

Disse-o assim:

«A vida melhor é feita de amanhã»

Amanhã, isto é, perspectivas, o passo em frente que há sempre para dar... E' por isto que eu amo os poetas, esses que vão à frente. Esses que criam «amanhãs», criando em nós a confiança neles.

Janelas brilhando à noite

Janela quente iluminada na noite doente quinta murada.

Eu só e ausente. Abominada sensação rente de fluída estrada...

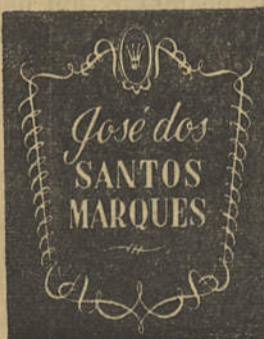
Mas a janela... Alguém já nela vela talvez...

O mar quedou-se. O chão que doce sob os meus pés!

A' sombra, um riso cristalino

A febre de construir casas! O

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

UM jornal é algo mais do que mero papel impresso, que se vende a peso depois de lido ou que serve para fazer um embrulho ou forrar fundo de gaveta.

Um jornal, para merecer do leitor acolhimento carinhoso e obter audiência onde quer que seja representado, carece que através dos escritos que constituem as suas páginas seja observada uma rigorosa linha de conduta que o qualifique, categorize e lhe dê personalidade, e não deve, jamais, estar subordinado a tutelas ou a desígnios mais ou menos ocultos. Concomitantemente, precisa de ter vida, ser dinâmico e estar atento ao que se passa, às reportagens cujo oportunismo flagrante, sempre pronto a intervir, a esclarecer, a doutrinar e ainda, e principalmente, a travar batalha por causas justas que necessitam do seu apoio, como órgão orientador da opinião pública que é — ou que deve ser.

Só assim se concebe a existência de um jornal verdadeiramente digno deste nome honroso.

Tudo quanto sejam bajulações e servilismos, visando inconfessados interesses, ou sirva apenas

de escaparate onde vaidosamente e com ares superiores, se expõem o virtuosismo de uns tantos, nada mais pode representar do que um amontoado de palavras adulteradas e indecisas e do que umas quantas resmas de papel e tinta de impressão que se desbaratam.

E, mais tarde ou mais cedo, ingloriamente, sem que o seu título seja recordado em tempo algum, a folha impressa deixará de circular e o papel passará a ter, provavelmente, um emprego mais útil e benéfico.

O valor de um jornal depende muito do conjunto de colaboradores de que disponha e só conseguirá alcançar-se ao jornalismo — com J maiúsculo — se esses mesmos colaboradores fornecerem material para tal efeito.

Um jornal regionalista tem que defender, com clareza, e visão a terra de que pretende ser portavoz, tem de levar até aos poderes públicos, às entidades respeitadas e às gentes das outras terras, com altivez dignidade, sentido pleno das realidades, competência e conhecimento profundo, os anseios e problemas locais

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

NOTÍCIAS & APONTAMENTOS

POR inspiração do Ministério das Corporações, vai o Governo executar mais um importante — e arrojado — plano para construção de moradias destinadas aos trabalhadores.

A' nossa vila, onde o problema da habitação é de uma acuidade impressionante, irá, talvez, suceder o mesmo que nos planos anteriores: regozijar-se com as inaugurações dos bairros nas outras localidades... Muito desejaríamos que

tívéssemos de fazer acto de contrição pelo nosso pessimismo.

A CAIXA Regional de Abono de Família do Distrito de Faro, no ano de 1955, teve um «déficit» de 850 contos no pagamento do abono aos seus beneficiários. A referida importância foi, porém, assegurada pela compensação prestada pelo Fundo Nacional do Abono de Família.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve no Algarve, acompanhado de sua esposa, tendo passado alguns dias em Tavira, o sr. tenente-coronel dr. Vasco Martins, distinto escritor e nosso estimado comprouviano e amigo, residente em Lisboa.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Armando Celorico Drago.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Carminda do Carmo Serra, e de seu filho João Luís Serra, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. João Franco Serra, residente em Angra do Heroísmo (Açores).

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. António Mateus, residente em Gíões, Alcoutim.

Nasolmento

Num quarto particular da Maternidade do Hospital desta vila, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Helena Gutierrez Setúbal, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. João Ilídio Setúbal.

Casamentos

Realizaram-se em Faro, no passa do dia 24 de Fevereiro, na igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, com invulgar solenidade, as cerimónias de casamento das sr.ªs D. Maria Cristina e D. Maria Eugénia Ramirez Sanches, gentis e prendadas filhas da sr.ª D. Maria Ramirez Sanches e do sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches, distinto clínico, residente em Faro, respectivamente, com os srs. eng. Nuno Maria de Azevedo Mendes, filho da sr.ª D. Isabel Rochanes de Azevedo Mendes, e do sr. dr. Augusto de Azevedo Mendes, e dr. António Manuel Capa Horta Correia, filho da sr.ª D. Laura Capa Horta Correia e do sr. dr. António Virgílio Horta Correia, distinto clínico nesta vila.

Em ambas as cerimónias foram padrinhos os respectivos pais, tendo sido celebrante o Rev.º Padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, ilustre secretário-geral da Acção Católica Portuguesa.

O acto litúrgico foi precedido de missa «Pro Sponso et Sponsa», com ofertório solene feito pelos noivos e seus pais. Durante toda a cerimónia fez-se ouvir o grupo coral do Colégio de Nossa Senhora do Alto.

Findas as cerimónias, foi servido, na Pousada de S. Brás de Alportel, um finíssimo copo-de-água a numerosos convidados.

Os novos casais, que seguiram para Espanha em viagem de núpcias e a quem desejamos as maiores felicidades, fixam as suas residências, respectivamente, em Lisboa e Vila Real de Santo António.

JUNTA DE FREGUESIA de VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

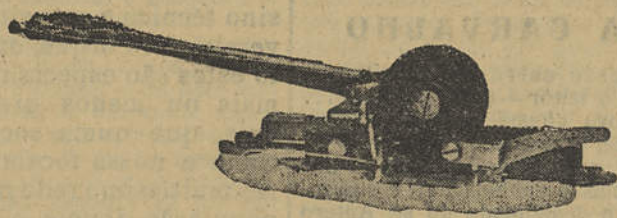
Movimento de Receita e Despesa referente ao Ano de 1956

RECEITA		
Saldo do ano de 1955	53.000\$00	975\$45
Subsídios da Câmara Municipal	21.000\$00	
Subsídios da Comissão Municipal de Assistência	15.000\$00	
Subsídio do Socorro Social	50.933\$00	
Quotas de subscritores	11.036\$50	
Donativos diversos	731\$40	
Emolumentos de atestados	136\$00	
Juros na C. G. D.	151.856\$70	
	152.810\$15	
DESPESA		
Despesas com o pessoal	3.600\$00	
Luz, lavagens e limpezas	144\$10	
Telefone	428\$50	
Impressos e expediente	245\$00	4.417\$60
Beneficência:		
«Refetório de Indigentes»		
Despesas com o pessoal	11.799\$00	
Gêneros alimentícios:		
a) Pão	40.260\$00	
b) Cereais, legumes, hortaliças e gorduras	59.976\$80	
Lenhas	7.882\$50	
Esmolas a indigentes	13.019\$00	
Barbas e cabelos a indigentes	960\$00	
Caixa de Previdência	780\$00	
Seguro do pessoal contra acidentes	158\$00	
Aquisição de uma bicicleta para transporte de sopa a Monte Gordo	1.350\$00	
Pneus e reparação do atrelado	283\$50	
Despesas com Trem de Cozinha, expediente e outras não especificadas	5.444\$00	141.915\$80
Saldo para 1957	6.478\$75	152.810\$15

Em virtude de ter sido fundado nesta vila o «Centro de Assistência Social de Nossa Senhora da Encarnação», a Junta de Freguesia cessou em 31 de Dezembro próximo passado a actividade assistencial que vinha desenvolvendo através do seu «Refetório de Indigentes», a qual passou a ser ministrada pelo Centro a partir de 1 de Janeiro do corrente ano, transitando para o mesmo Centro o saldo que a conta do Refetório apresentava em 31 de Dezembro findo.

Refeições fornecidas durante o ano de 1956:	
A pobres desta vila	32.885
A pobres de Monte Gordo	37.125
Total	70.010
Leite fornecido a doentes pobres	3.650 litros

MÁQUINAS DE ARAMAR



ENTREGA IMEDIATA: VENDEM
ILÍDIO PANINHO, LDA.-SETUBAL

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

capital usurário em trajo de passelo. Grandes edificios, gaiolas espanpanantes. Faustosos. Penso que, dentro de pouco tempo, só haverá na cidade casas ricas para gente pobre. Mas, depois, onde irá a gente pobre morar?

Isto, a propósito da M. A., que vai casar.

— Ó M. A., já arranjava casa? Que não, não arranjava. Que estava difícil.

— Então para onde vais?

— Fico com a minha sogra. Ela é amiga e eu gosto dela. Mas não é a minha casa, perdes?

E, após uma curta pausa, a frase dela mesma, dela, filha de marítimo:

— E' triste embarcar de grumete, tendo na mão o diploma de comandante...

Rimos. Sem saber bem porque. Piteiroso da frase, talvez. Mas rimos. A sombra da árvore usurária, um riso cristalino. Dramático.

Giroflé

Jardim crianças — lembranças de mim... — Assim as tranças e as danças sem fim... E soa a canção que faz

a boa razão de Paz.

O precioso minuto

Menino à janela. Não o conheço.

— Pst, olha lá. Olho. Paro. Sorrimos ambos. Tem um ar enfeitadinho. Macilento, com um bibe azul. As mãosinhas são brancas clara de ovo.

— O que levas aí?

— E' um livro.

— Não posso ver?

— Podes. Mas está escrito em inglês.

— Não faz mal. Eu não sei ler...

Tenho a impressão de que vou desatar a rir, aqui, em plena rua. Escandalosamente.

— Olha lá, porque é que as pessoas escrevem em inglês?

E sem esperar resposta:

— Como é que te chamam?

— Maria.

— Eu sou Filipe. José Filipe. Onde é que moras?

— Moro lá em cima.

— Eu moro cá em baixo.

— Bem, Filipe, adeus. Tenho de ir embora.

— Tens? Olha lá, porque é que toda a gente tem de se ir embora?

O sorriso, à falta de oxigénio, apaga-se-me na boca. Bem procurado reavivá-lo. Nada. Quanto mais o forço, mais o estrangulo. Pobre do Filipe!

Começa a atacá-lo, de pequenino, o verme da solidão.

Tão grande o mundo — e não

No Ministério do Interior

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo exercido, durante vários anos, o magistério liceal em Faro, onde foi vice-reitor do liceu, subdelegado regional da Mocidade Portuguesa e presidente da comissão concelhia da União Nacional. Era, presentemente, professor do liceu de Passos Manuel, em Lisboa, tendo desempenhado anteriormente, durante seis anos, o cargo de inspector do ensino liceal. Foi, também, o primeiro reitor do liceu de Oeiras e é oficial de milícia da Legião Portuguesa.

Este jornal apresenta ao sr. governador civil os melhores cumprimentos de felicitações, oferecendo-lhe franca e leal colaboração.

deixaram nele um lugarzinho para o Filipe. Todos têm pressa, toda a gente tem de se ir embora...

Debruça-se mais, para dizer-me adeus. Espicha quanto pode o minuto de não estar só. Até que a maldade em ângulo recto da esquina o guilhoitina.

Maria Manuela Nunes



PROVINCIA

TAVIRA

Zona de Turismo
Na passada semana, iniciaram-se os trabalhos de levantamento topográfico de uma parte da Ilha, destinada ao plano de urbanização da futura Praia de Tavira. Foi a Câmara Municipal que ordenou o referido levantamento, e estamos em crer que desta vez se vai dar início a diversos melhoramentos, que farão da cidade a zona turística que lhe desejam criar. Nem de outra maneira se justificava.

Iluminação Pública
Iniciaram-se os trabalhos para a colocação de novos postes de marmore polido, para a iluminação da Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, que, segundo nos informam, ficarão com uma esplêndida luz, pois não fazia sentido que quem desembarcasse da estação dos C. de Ferro ficasse com uma desagradável impressão da cidade. Os globos que ali se encontram, embora não sejam muitos velhos, nenhuma luz dão e a citada avenida faz uma péssima impressão de noite. Oxalá que depois destes melhoramentos, se vejamos os novos postes sempre acesos, para não darmos o desagradável aspecto que se nota no Jardim Público, que além de ter muitos candeeiros com luz fluorescente, se encontram geralmente apagados, a título certamente de economia, o que não faz sentido.

Homenagem ao Dr. João Dias

A Câmara Municipal de Tavira fez deslocar a Alcoutim três dos seus vereadores, a fim de assistirem, em representação da referida Câmara, às homenagens justamente merecidas que se realizaram naquela vila em honra daquele falecido benemérito.

O Tempo

Tem-se mantido instável o estado do tempo. Vento, chuva e a consequente falta de peixe, para arrelia das donas ds casa. A poucos dias da Primavera, e já com as andorinhas chegadas, é aborrecida tal singularidade. Os nossos créditos de clima privilegiado estão em maus lençóis, e só fazemos votos para que muito breve isto se modifique, para bem de todos. — C.

UMA REVOLUÇÃO NO MEIO AUTOMOBILÍSTICO

No fim do século XIX apareceram os primeiros automóveis sobre as grandes estradas, mas os seus dispositivos de suspensão proporcionavam aos passageiros um conforto precário. Estavam ainda análogos a essas carroças puxadas por animais.

Os melhoramentos apresentados depois nos sistemas de suspensão, às molas metálicas e aos amortecedores que em seguida os têm completado, estão tão morosos como imperfeitos.

Conveio aguardar a adaptação em série da suspensão óleo-pneumática às 4 rodas dos «DS 19» CITROEN, para abrir um capítulo novo na história do conforto automóvel.

Traçando acima do solo a sua invisível passagem, as coques afusadas dos «DS 19» levadas sobre as almofadas de ar, parecem suspensas sobre o solo.

Observem os leitores o «DS 19» CITROEN em todos os seus pormenores e reconhecerão, por certo, que tudo foi duramente disputado e calculado em vista de um melhor rendimento.

A óleo-pneumática — uma suspensão sem igual — adaptada ao automóvel pela primeira vez, coloca este carro na categoria de «carro de sonho».

Seria fastidioso enumerar todas as características sensacionais e as vantagens do «DS 19» CITROEN. Citaremos, apenas: tracção à frente, travões de discos, embraiagem automática (sem pedal), direcção «auxiliada» (um dispositivo hidráulico dispensa todo e qualquer esforço do condutor), visibilidade total, suspensão óleo-pneumática com 5 posições de altura do solo reguláveis em marcha, assentos e tapetes em espuma de borracha.

Resumindo: o novo CITROEN «DS 19» é um carro de concepção completamente nova, com muitas características revolucionárias que não deixarão de influenciar as tendências de construção automobilística nos próximos anos.

Não podemos deixar de encorajar os nossos leitores a não comprarem qualquer outro carro, sem experimentarem o «DS 19» CITROEN, mesmo sem outro fim que não seja a satisfação de terem andado no «DS 19». E, se tal afirmamos, é porque temos as nossas razões. E' o carro em que se pode apreciar a paisagem, ler, escrever, dormir e conversar.

Alguém definiu, e muito bem: «o carro que trabalha para si».

ALBUFEIRA

NOTICIÁRIO

— De passagem por esta vila, vinda de Lagos e Portimão, encontra-se a Brigada de Exteriores do Programa «Recortes da Nossa Terra», composta pelos srs. Luís de Sousa e Alberto de Oliveira, onde vieram ouvir o sr. presidente da Câmara, outras entidades oficiais e particulares, acerca do desenvolvimento e progresso desta risonha estância turística, a fim de as suas palestras serem radiodifundidas das 19 às 19,30 h. dos próximos dias 25 e 29 do corrente mês, em Rádio Clube Português, Estação de Miramar.

— Foi com vivo regozijo que a população desta vila tomou conhecimento de terem sido reconhecidos os trabalhos para a conclusão do edificio que a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho há anos implantou, que se destina a Colónia de Férias e que comportará cerca de 600 pessoas. Cremos que o seu funcionamento não se fará demorar para que esta esplêndida praia possa ser visitada e apreciada pelos sócios daquela fundação. — C.

CINE-POZ

Hoje, o sensacional drama italiano *A Rapariga do Rio Pó*, com a escultural artista Sophia Loren, secundada por Rik Battaglia e Gerard Oury. Um arrojado filme neorealista, com situações dramáticas altamente impressionantes.

No seu sangue havia todo o calor do sol meridional... mas o lodo dos pantanos não conseguiu rompê-la.

Para maiores de 18 anos.

Quinta-Feira, o grandioso filme em cinemascopo *As Aventuras de Hajji Baba*, com John Derek e Elaine Stewart. Uma aventura inesquecível de arrojo, duelos e haréns. Para maiores de 18 anos.

FALECIMENTO

No passado dia 5 do corrente, faleceu em Castro Marim, onde residia, a sr.ª D. Augusta da Soledade, viuva, de 84 anos de idade.

A saudosa extinta, que deixa, além de 6 filhos, 36 netos e 11 bisnetos, era tia das nossas prezadas assinantes sr.ªs D. Camila Parreira Toledo e D. Luísa Parreira Pulicani, residente em Marselha.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS



As mais modernas máquinas automáticas ao serviço nas nossas oficinas, que V. Ex.ª deverá preferir para a confecção de IMPRESSOS e CARIMBOS
TELEFONE 69 APARTADO 3
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

hérnia

UMA BOA NOTÍCIA

O MODERNO MÉTODO PATENTEADO, SEM MOLA E SEM PELOTA

MYOPLASTIC-KÉBLER

É APLICADO NO NOSSO PAÍS PELO ESPECIALISTA INTERNACIONAL

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

Graças a este verdadeiro «músculo de socorro», a vossa parede deficiente será reforçada e os órgãos mantidos no seu lugar «como se fosse com as mãos». Encontrareis imediatamente bem estar e vigor, como anteriormente. E' maravilhoso.

Vinde fazer um ensalo gratuito, em
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Farmácia Silva
DIA 23 de Março
TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco
DIA 22 de Março

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Março:

Entradas:
MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Hamburgo, com motores marítimos.

CORALE, Holandês, de 499 ton., de Fedala, vazio.

Saídas:
GIRÃO, Português, para Ponta Delgada, com sal.

MADALENA, Português, para Funchal, com sal.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério e enxofre.

MARIAECK, Alemão, para Melilla, com carga em trânsito.

CORALE, Holandês, para Boness, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Março, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

NOTÍCIAS & APONTAMENTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

O FACTO de o balneário público existente nesta vila apenas facultar à população o fornecimento de água quente até às 12 horas, excepção para os dias de sábado e domingo, causa reparos a todos quantos têm necessidade de utilizar os serviços do mesmo balneário.

Realmente, a sujeição rigorosa a esse horário não satisfaz. Já ouvimos falar em razões de ordem económica para justificar essa medida. Não poderiam os serviços camarários encarar a possibilidade de ser modificado o horário vigente, de modo a que se prolongasse o fornecimento de água quente pelo menos até às 18 horas?

Além de melhor se servir a população, isso representaria também um mais perfeito ajustamento à natureza de serviço público que um balneário desempenha no movimento quotidiano de uma localidade...

Ainda que houvesse de alterar o regime tributário em vigor, valeria a pena estudar o problema, porquanto, francamente, um banho por 1\$00 não é nada caro.

O FUNDO especial que os lusitanistas estão constituindo para promover os melhoramentos que o seu campo de jogos necessita para valorização e embelezamento soma, nesta data, a quantia de esc.: 1.381\$00.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca da Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

No dia 22 de Março, por 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, e nos autos de execução fiscal que a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Aljustrel move contra João Parreira Lopes e seu fiador José Luis Mira, residentes em Montes Velhos-Aljustrel, há-de proceder-se à arrematação, em hasta pública, dos prédios a seguir designados, pelo maior lance oferecido acima dos valores, respectivamente, indicados:

PRÉDIOS

1.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, com árvores, no sítio do Barranco do Pé Queimado, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na competente matriz sob o art.º n.º 2.787 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.288, a fls. 151 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de cento e cinquenta escudos.

2.º O direito a uma sexta parte de uma morada de casas térreas, com dois compartimentos, ramada e palleiro, sita no lugar da Ladeira do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 1.194 e descrita na Conservatória do Registo Predial deste Concelho sob o n.º 7.229, a fls. 151 v.º do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de noventa e seis escudos.

3.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, no sítio do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o n.º 2.779 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.280, a fls. 152 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial (matricial) corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

4.º O direito a uma sexta parte de uma courela de terra de semear e matosa, no sítio da Ladeira do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 2.783, e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.281, a fls. 152 v.º, do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de setecentos e vinte escudos.

5.º O direito a 1/12 avos de uma courela de terra várzea, no sítio do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 2.790 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.282, a fls. 153 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

São por este citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, nos termos da Lei.

Vila Real de Santo António, 2 de Março de 1957.

O Chefe da Secção de Processos,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

Anúncio e propaganda "Notícias do Algarve"



Secção orientada por DAVID LOPES

Comentário Cinematográfico
REVOLTADOS SEM CAUSA

JÁ nestas colunas foi feita referência às tentativas para um novo realismo do cinema americano actual, a propósito de «Sementes de Violência», de Richard Brooks, e «Piquenique», de Joshua Logan. Ambos os filmes pretendem tratar problemas da juventude americana: no primeiro, a delinquência juvenil; no segundo, o inconformismo dos jovens perante uma sociedade convencional.

«Fúria de Viver» (Rebel Without a Cause), de Nicholas Ray, é outro filme (senão o mais representativo e importante) característico desta última orientação do cinema americano. Mais uma vez, insistentemente, é abordado o tema da juventude. Tema premente, que Nicholas Ray trata poeticamente, numa linguagem directa e comunicativa. Nicholas Ray não tem a pretensão de apontar soluções. Simplesmente, ele descreve. Apresenta. Denuncia. Em «Fúria de Viver» continua a existir o problema da delinquência e o inconformismo na juventude de hoje. Mas a maneira diferente e profunda, a pureza com que Nicholas Ray tratou o tema, faz de «Fúria de Viver» um dos mais extraordinários filmes americanos dos últimos tempos.

A juventude encontra-se isolada, herméticamente fechada sobre si própria. Procura uma saída, uma solução para os seus complexos e inexplicáveis problemas. Aqui, Nicholas Ray aponta então, como causa mais directa desses problemas, a incompreensão e comodismo dos pais. E' esse comodismo que os impede que se aproximem dos filhos, para tentarem compreender a sua complexa e torturada consciência de adolescentes. Resultado: Os jovens, sem apoio, abandonam-se a si mesmos e encontram a solução da sua crise na violência. Mas a violência não resolve nada.

Eles querem, sobretudo, provar que são homens, que também existem, que vivem. Por isso, reagem desesperadamente contra o meio social, sem saberem porquê e o que querem. Jim, Buzz, Judy e Platão não são mais do que revoltados sem causa.

Para Jim (o original actor James Dean), era muito importante saber «o que era preciso para ser homem». Era absolutamente necessário que lhe dessem uma resposta. Ele queria orientar-se. Interroga insistentemente o pai. Mas a fraqueza deste, o convencionalismo e comodismo «burguês» da família, não permitem uma resposta. Pelo contrário. Iludem. «Dentro de 10 anos, não te lembrarás de nada... Nós já passámos pelo mesmo», diz-lhe o pai.

Judy (Natalie Wood) e Platão (Sal Mineo) necessitam de amor. Platão procura, desesperadamente, o amor, que a ausência dos pais não lhe permite dar. E então, uma amizade forte

e prometedora nasce entre ele e o inquieto Jim. A sua trágica morte é um dos momentos mais impressionantes do filme. E' uma acusação sem piedade, gritante, dirigida à consciência dos adultos. Não se pode abandonar a juventude. Ela é o fruto desta época tão crítica, mas que pode ser tão prometedora. Encontra-se simplesmente desorientada. Há que lhe dar a mão e ser compreensivos. Mas como? Eis o que Nicholas Ray não nos diz. Limita-se simplesmente a descrever, não como observador frio e mecânico, mas como observador consciente da crítica realidade social americana, da juventude inconsciente e deprimida, que procura, seja por que processo for, manter-se unida para poder sobreviver.

David Lopes

CONSIDERANDO...

Cinema e Imprensa

Por Candeias Nunes

Se aos cine-clubes compete uma acção de combate em prol da dignificação cinematográfica dos públicos, não há dúvida de que pertence à Imprensa o interessar-se por tal movimento, dando-lhe apoio e coadjuvando-o, até, no desbravar do terreno, entre a massa inculta e menos esclarecida. Quere-me parecer que, de uma maneira geral, esta verdade foi mais ou menos compreendida. Só assim se explica o recente aparecimento de algumas boas publicações de cinema. Ocio será enumerá-las, já porque o público cineclubista as conhece de sobejo, já porque não são elas a razão deste apontamento.

Quero referir-me, hoje, em particular, à variedade do material impresso que aí se encontra sobre um pseudo-cinema, abundantemente alimentada pelo culto do «vedetismo», na maioria saído da máquina publicitária hollywoodense. Muito embora cada qual seja livre para ganhar dinheiro como bem entenda, o problema assumiu hoje já uma tal importância que não será demasiado pedir responsabilidades a tais publicações. (Não será crime este alimentar de erros, este abuso e especulações do que o cinema tem de mais baixo, este aviltamento do cinema arte e desprezo absoluto pelas suas realidades fundamentais?)

Se contra tal crime se não pode exigir uma acção policial, pois não há código que impeça quem quer que seja de pescar nas águas turvas da arte, compete a nós, a todos aqueles a quem tais publicações não são dirigidas, encetar contra elas uma campanha que as faça arrear caminho.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

COMENTÁRIO TEATRAL

«PERALTAS E SÉCIAS»

MAIS uma vez subiu o pano no Teatro do Rossio, para a apresentação de «Peraltas e Sécias»

Todos os anos, quem quiser pode ver essa peça, que é muito justamente considerada das maiores do teatro português.

Os intérpretes, como de costume saíram-se bem, mas sobretudo, notámos melhoria muito sensível em Raul de Carvalho na interpretação de Miguel. O que nos leva a considerar a obra de Marcelino Grande com G maiúsculo, é sem dúvida a sua actualidade. Mesquita escreveu há já meio século sobre uma época cem anos anterior e passados por conseguinte, cento e cinquenta anos sobre o período tratado, não podemos considerar «Peraltas e Sécias» coisa ultrapassada.

Despojemos os Peraltas e as Sécias dos seus vestidos de grande roda, da casaca, do espadim, do sapato de fivela, da cabeleira, do calção e da meia e vistamos-lhes a indumentária da actualidade, e eis os seus representantes da idade atómica. Os tipos lá retratados são eternos.

O ambiente de ante-Revolução, que nos é dado com uma nitidez notável. tem qualquer coisa de trágico, sobretudo pela inconsciência dessa gente, que não se apercebe do perigo que a ameaça.

Em pequenos pormenores, dos quais lembramos apenas um: quando Miguel, com uma atitude «négligée», de perna em cima da cadeira e agarrado à guitarra canta «Ter freira é coisa da moda, é bonito e sabe bem...», conseguimos aperceber-nos do que o século XVIII tinha de voluptuoso.

Não podemos deixar de mencionar a figura do «afrancesado», na interpretação de Paiva Raposo.

«Peraltas e Sécias» é uma fotografia autêntica duma época tão maravilhosamente imbecil. A sua representação anual é índice de bom gosto.

Fernando Honrado

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca da Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 28 do corrente mês de Março, pelas 11 horas, no Tribunal desta comarca, na execução sumária que corre termos pela secção de processos do mesmo Tribunal contra Silvestre Miguel Teixeira, solteiro, proprietário, residente no Monte de Pero Dias, freguesia de Martinlongo, desta comarca, será posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio penhorado àquela executado:

PRÉDIO

Uma courela de terra, no sítio do Serro das Voltas, freguesia de Martinlongo, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o n.º 4.025 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.362, a fls. 21 v.º do Livro B-18. Vai à praça no valor de 1.192\$50.

Vila Real de Santo António, 11 de Março de 1957.

O Chefe da Secção de Processos,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.ª Série)

SERPA, 6-LUSITANO, 1

Jogo em Serpa, no Campo da Misericórdia. Árbitro: Manuel Fortuna, da A. F. Évora.

As equipas alinharam: Serpa: Garcia; Eduardo, Baião e Osvaldo; Sardinha e Ferreira; Patalino, Coreles, T. da Silva, Cecílio e Dionísio.

Lusitano: Rodrigues; Pescada, Campos e Gonçalves; Padesca e Daniel; Parra, Marco, Modesto, Travaços e Mendes.

A primeira parte terminou com 1-0, a favor dos alentejanos, tento marcado aos 42 minutos.

O primeiro meio tempo decorreu com certo equilíbrio e jogadas de possibilidade de golo. Parra, aos 30 minutos, teve um bom remate defendido pela barra.

Após o intervalo, os visitantes tomaram o coman-

do da partida e puderam marcar mais 5 tentos, sendo o do Lusitano alcançado por Marco.

Vitória justa do Serpa em jogo que decorreu com certa aspereza, imposta pelos vencedores.

Outros resultados:

S. Domingos, 4

Sambrasense, 2

Esperança, 3

Aljustrelense, 3

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	P	P
F.C. Serpa	6	5	1	—	21	5
Lusitano	7	3	3	1	18	14
S. Doming.	7	2	2	3	21	27
Sambras.	6	2	1	3	15	17
Lagos	7	—	5	2	13	21
Aljustrel.	7	1	2	4	12	16

Jogos para hoje:

Sambrasense-Esperança

Serpa-S. Domingos

Aljustrelense-Lusitano

O SOCIALISMO E O TRADICIONALISMO EM EÇA DE QUEIROZ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

adesão de Eça a tais ideias ou, pelo menos, a sua simpatia era de raiz sentimental. O povo, os representantes das camadas baixas da população só episódicamente entram nos romances do Eça. Exceptuando o assombroso retrato de Juliana do *Primo Basílio* não existe na obra de Eça de Queiroz análises completas da gente do povo. Simbolicamente, ainda encontramos camponeses, jornaleros, no *Crime do Padre Amaro* e pitorescamente vamos encontrá-los em *A Cidade e as Serras*. Mas a diferença entre o *Crime* e *As Cidades e as Serras* reside na forma como são apresentadas essas figuras como símbolos dum degradação social e que merecem justa crítica; ou então, como nas *Cidades e as Serras*, representantes pitorescos dum mundo que se pretende poupar e conservar.

Certos críticos do autor do *Conde de Abranhos* consideram a última fase do escritor como um repúdio à sua obra anterior e veem nos seus livros manifestações claras, tendências iniludíveis dum espírito enveredando por caminho diferente e ditado por um sincero arrependimento da sua anterior actividade crítica e demolidora. O Dr. Jaime Cortesão, no seu livro *Eça de Queiroz e a questão social*, não perfilha essa opinião. Segundo esse escritor, as vidas dos Santos constituíram uma prova de que as preocupações sociais, um socialismo doseado com influências franciscanas, nunca o teriam abandonado. Não há lugar para entrarmos em controvérsias aqui deslocadas. *A Cidade e as Serras* datam dos derradeiros anos da existência do escritor, e supomos que esse livro foi escrito ao mesmo tempo da vida dos Santos e da *Ilustre Casa de Ramires*. A nós afigura-se-nos tão inconsistente o seu socialismo como o seu tradicionalismo. Não subsistem em nós dúvidas na distância que existe entre a concepção da vida expressa nos seus primeiros livros e *A Cidade e as Serras*. Qualquer dos três primeiros livros, «Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio» e «Os Maias»

se devem situar nos momentos mais elevados da criação do romancista e representam uma crítica certa, flageladora a certos meios e costumes da sociedade do seu tempo. Só muito superficialmente os podemos considerar como obras demolidoras, de espírito destructivo; a arte não cura dessas questões e há que reconhecer nesses livros elevados intuitos, a oportunidade duma crítica que não poupava a corrupção da sociedade portuguesa. Nem sempre a demolição significa destruição ou conduz à desordem; pior do que isso é, muitas vezes, fazer a apologia duma certa ordem que serve apenas para manter a existente desordem que se verifica nas pessoas e nas coisas.

A Cidade e as Serras é um livro que vive unicamente pelo fulgor da frase, uma admirável orquestração de palavras, um livro que se lê, estamos certos, porque na capa ostenta o nome desse mago da palavra, esse puro cinzelador da língua portuguesa, que a soube enriquecer e elevar, usando elegância na composição e da simplicidade nos meios de expressão. Como apologia do tradicionalismo e nacionalismo, *A Cidade e as Serras* é um malogro. A pobreza de argumentos, a fraca intriga do romance, a indigência no recorte de caracteres, e a impotência dum escritor para fugir à anedota, ao sarcasmo, já que a sua essencial arma era a ironia, não realizaram os intuitos que porventura estavam nas disposições do autor. E no livro lá aparecem as figuras ridículas, os sebastianistas, os bandarras, toda uma fauna anacrónica de indivíduos que estão mais próximos dos Acácios e Abranhos do que muitos julgam. A caricatura era o forte do escritor. *A Cidade e as Serras* é uma caricatura da vida, uma surpreendente caricatura; cuja diferença consiste apenas na cor e tamanho do lápis que o escritor aplicou nos seus retratos e descrições.

Rodrigues Pena

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

GOSTO

Gosto, sentido peculiarmente vegetativo, passou, translaticamente, a ter sentido todo espiritual. Se gosto, vegetativamente considerado, é o sentido que, nos alimentos, descortina entre os bons e os óptimos, surpreendendo neles sutilezas de qualidade, gosto, no sentido estético, é o dom de discernir o belo do feio, o gracioso do desajeitado, o sublime do rasteiro. Homem de bom gosto, em arte, é equivalente de paladar apurado em culinária: a este não escapa nenhuma sutileza voluptuosa dos petiscos e das bebidas; àquele não escapa nenhum pormenor de voluptuosidade estética.

ORGULHO

O orgulho é palavra desacreditada, em muitas bocas. Lembra impertinência, «chega-te para lá, não me mascarres», superioridade repulsiva, e outras expressões que com estas fazem sinonímia.

E, no entanto, importa que, em tudo e por toda a parte, se alimente um pouco de orgulho, se por esta palavra entendermos pundonor, vertebralidade, reacção contra o deixa-te ir, firmeza na corrente, guerra ao alforquismo. Quem não possui esta espécie de orgulho é toalha para todas as mãos, anatomias traseiras para todos os pontapés e maus tratos adjacentes. O orgulho é a paciência que não desarma, é heroísmo que quebra, mas não dobra (Cambrone, respondendo ao inimigo a célebre palavra mal cheirosa, era a personificação do orgulho), é pudor que se defende, é coerência que manda ajustar a letra à caneta, é... (o leitor pode continuar).

Alfredo de Musset deixou, a propósito, estes versos, aqui muito oportunos:

Tout nous vient de l'orgueil, même la patience.
L'orgueil, c'est la pudeur des femmes, [mes, la constance
Du soldat dans le rang, du martyr sur la croix.
L'orgueil, c'est la vertu, l'honneur [et le génie,
La probité du pauvre et la grandeur des rois.

HISTÓRIA ESCOLAR

Houve um tempo em que a História não passava de um rosário de datas. Refiro-me à história das escolas. Depois, como reacção contra os excessos da cronologia, atirou-se com estas às ortigas — deixando-se os acontecimentos sem situação no tempo.

Nem oito, nem oitenta. O meio termo. A cronologia é o esqueleto da história. Se da história só fizermos cronologia, tirar-lhe-emos aquilo que é alicianante para os escolares: a cor, a vida, o drama, o pitoresco. Mas, se lhe fugirmos com a cronologia, faremos da história um edifício sem solidez.

Acerca de uma palestra do sr. Antero Nobre

A César o que é de César

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um livro de contabilidade. Fez-se tudo cinza geradora de... nova chama. Querem maior prova em reforço da tese do sr. Antero Nobre?

Foi assim que surgiu a cinza e a nova chama, alimentada de combustíveis inertes, os mais finos, os mais transcendentes, os mais puros. Da primitiva chama dá ele testemunho. Ainda hoje alumia os destinos da Casa do Algarve. E a cinza é cinza, matéria bem palpável na substância dos vencidos. E para os mais duvidosos da estranha tese, para calar a boca aos inconformistas, o sr. Antero Nobre bradou, alto e bom som: — Eu sou um vencido! O sr. major Matens Moreno um vencedor.

E eu, que ouvi isto, entusiasmei-me e disse com os meus botões: — Atitude... nobre; nobre com n pequeno.

O romantismo do sr. Antero Nobre, embora envolvido de poesia, não se alimenta de símbolos convencionais. E' também um paradoxo nutrido no ideal de contentar gregos e troianos, imbuído numa máxima que (embora inconferada), aposto dobrado contra singelo, foi rebuscada nos velhos textos do materialismo grego.

Nada provém de nada! Para o nosso amigo, o nada é cinza. Escusam os recalitrantes de a negar, porque... trata-se de um dogma.

Destá maneira, já o dissemos atrás, a actual Casa do Algarve

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CRÓNICA DE OLHÃO

ENQUANTO AS TRINEIRAS DESCANSAM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

impressões da villa cubista. Nas tardes calmosas, vultos de pescadores passam por ali carregando os aparelhos para a pesca na ria e junto da barra; alguns, porém, só regressarão alta madrugada, pois poderão ir até às proximidades de Tavira, se o tempo tal permitir. As embarcações são frágeis e o vento ronceiro e falso, como um velho demónio. Mas a necessidade é muito mais poderosa que o medo: e eles lá vão, rumo ao cais, botas altas de borracha caídas abaixo dos joelhos, fumando um resto de cigarro.

Que barulheira é esta? Berros, insultos, palavras sem nexos vêm do fundo da barbearia. Curioso, atrevo-me a entrar. Oh, nada de especial, uma simples discussão de bola à moda olhanense. Sim, caro leitor: o mestre Domingos criou um grupo de futebol — e que grupo! Nada menos do que o famoso «Beira-Mar», camisola verde-branca e calções brancos. Quase todos os jogadores são moços marítimos que moram nas redondezas. Agora, de inverno, sem trabalho, porque não um joguinho de futebol, para aquecer e enrijar os músculos? O campo de treino é enorme, como nenhum outro e situa-se naquele terreno vasto para além da nova doca; a sede, claro, a barbearia de que lhes falo. Qualquer dia contar-lhes-ei, e juro-lhes que não perderão o tempo, algumas particularidades de tão curioso grupo futebolístico.

Novamente regresso ao meu poiso habitual. As sombras nas paredes e no largo alongam-se, preguiçosamente. A um canto, um grupinho joga o 31, vigiando a possível chegada de alguma farda, para esconder as cartas, precipitadamente. Acende-se uma luz

na barbearia. Alguém vem buscar a gaiola.

E as algebeiras vazias, a marca do anel que saiu do dedo num dia cinzento, o cinto que marca mais um furo, — tornam a testa do mais optimista enrugada e envelhecida. Para disfarçar, conversa-se (oh, bendito espírito algarvio! Quantas vezes uma conversa infundável substitui um jantar que não há...) e fuma-se aos comprimidos, duas fumaças, morrão fora, e assim por diante, até ao último centímetro.

Tânger, Larache, Vila Real de Santo António, Portimão, Matosinhos, — reminiscências gratas de dias esgotantes mas de bom dinheirinho. «Lembras-te, Zé, daquelas camelas? Nós no barco, e elas logo ali na costa...» Vêm à baila as mulheres marroquinas e a sardinha que tiveram de deitar fora... «O sal não chegava...»

E a conversa continua, cada qual a sonhar o que já viveu.

Mas o inverno também passará. Demora muito mais (por vezes anos...) que o verão, mas o seu fim vislumbra-se nas tardes que crescem, no frio que se transforma em brisa fresca, nas crianças que correm, barulhentamente, pelas ruas estreitas, no sol que se distancia cada vez mais, aquecendo finalmente os corpos e os ânimos.

«O inverno também passa». Eis a frase mais optimista que um dia ouvi dos lábios dum pescador.

António Macheira

Visado pela Comissão de Censura

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

ATENÇÃO AO ENSINO PRIMÁRIO

O PROBLEMA DA OBRIGATORIEDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ricamente, alcançar acesso a estádios mais desenvolvidos de cultura. Assim como abriu acesso ao poder à burguesia, até então esmagada pelos acanhados quadros feudais, o liberalismo também instituiu o princípio dum mais largo recrutamento para o preenchimento dos quadros culturais. Foi com o liberalismo que cessou o ensino monástico e se iniciou o ensino público oficial.

Com a revolução do nosso século, decorrente da revolução industrial do fim do século passado, o problema do ensino público oficial estruturou-se definitivamente em todos os países civilizados do Mundo, desdobrando-se, esquematicamente, em três fases: o ensino primário ou elementar, o ensino médio ou secundário e o ensino universitário ou superior. O ensino técnico e profissional ora se situa na segunda, ora na terceira fase dos estudos. Depende isso, entre nós, da condição económica, isto é, conforme os estudantes são recrutados nesta ou naquela camada social, assim têm acesso — pelo menos teoricamente — a este grau secundário ou àquele grau superior do ensino, mantendo-se assim, através das gerações, uma certa estabilidade da estrutura social.

Mas o ensino primário, esse é, por força das circunstâncias económicas e sociais do nosso tempo, um ensino imprescindível e obrigatório para todas as crianças de todas as regiões do País e de todas as camadas sociais. Teoricamente já foi decretada há muito; a implantação do regime republicano deu a este ensino, básico e fundamental, para um povo que queira erguer-se ao estádio superior de democracia, a mais decisiva estruturação, tendo criado, além de uma ampla rede de escolas urbanas e rurais, as escolas móveis, as escolas primárias superiores e as escolas infantis. Mas a tradição perdeu-se. E, embora teoricamente a obrigatoriedade do ensino primário sempre se tenha mantido, todos sabemos que só há uns dois ou três anos atrás se acordou, com o sobresalto próprio dos estremunhados, inquietos de verificar o terrível prejuízo que advinha da não observância efectiva da obrigatoriedade instituída na Lei. A taxa de 40% de analfabetos é a mais eloquente demonstração daquele profundo adormecimento em que se caíra.

O ensino primário elementar, agora, procura-se que seja efectivamente obrigatório. Nunca é tarde para corrigir um erro. Mas tem de se prestar atenção ao que é entre nós o ensino primário. Embora este abranja um período de 4 anos, entre os 7 e os 10 anos das crianças portuguesas, o período obrigatório é só de três anos, isto é, abrange apenas as 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Feito o chamado exame

E já agora, como tenho as costas largas, volto para a semana, para... pôr um certo número de coisas no seu lugar.

do 1.º grau, nenhuma criança portuguesa é obrigada a ter mais instrução.

O que é a instrução do 1.º grau? O âmbito deste ensino cabe em três simples palavras: — ler, escrever e contar. Ora, sem já querer-mos analisar o que as nossas crianças ficam aptas a ler, as oportunidades que têm para escrever e como escrevem e aquilo que podem contar e como contam — isto é, mesmo tomando como bem aprendido esse mínimo que a lei determina que as crianças portuguesas aprendam — isso não chega a constituir o que se possa considerar uma base de conhecimentos. E apenas uma técnica elementar necessária para fazer a aprendizagem de conhecimentos. Ler, escrever e contar poderia ter sido o bastante há cem anos atrás, ou antes ainda, no tempo do Marquês de Pombal, quando um liberalismo em desenvolvimento rompia com a tradição feudal, de-

batendo-se porém num quadro ainda de economia agrária. Mas, hoje, estamos já em plena fase de industrialização, mesmo dos processos de cultura agrícola. E além de que estamos em plena fase industrial, estamos já entrados — o que é muito mais — na era de produção atómica. E se isto de produção atómica é uma expressão que para a maioria dos portugueses não tem qualquer significado, porque vivem arredados dos problemas fundamentais do nosso século, nem por isso devemos deixar de considerar e discutir tais problemas, se é que nos mantemos orgulhosos da nossa existência como país independente.

Em próximo artigo desenvolveremos este ponto das implicações da civilização industrial na estrutura e organização do ensino primário oficial.

Victor de Sá

Linóleo de Santos Marques

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e aventar soluções adequadas com viabilidade de realização.

Um jornal regionalista tem, por este somatório de factores, uma importantíssima missão a cumprir, muito superior, de longe, àquele a que se limita a Imprensa de grande expansão, cuja finalidade informativa e lucrativa a afasta dos reais interesses do País — porque País são todas as localidades, aldeias, vilas e pequenas cidades que a constituem. Não pretendemos afirmar que a Imprensa de larga expansão se alheia completamente dos problemas vitais, mas tão somente que a imprensa regionalista o faz com maior assiduidade e dedicação, destinando a cada problema um mais vasto espaço e tratando-o com a familiaridade indispensável. E isto explica-se plenamente porque é a ela que compete defender os interesses locais.

Se um jornal regionalista pretende, porém, ir mais além desta única finalidade e se dispõe a fornecer cultura aos seus leitores, encontra na sua frente um vastíssimo e importante programa a cumprir.

Se o jornalismo regionalista é, por si só, um campo propício à realização de uma grande cruzada e exige um grupo técnico de alto valor, capaz de abrange, estudar, pôr e discutir, com autoridade e clareza, os mais dispares problemas e encarar com acerto a sua solução ou um conjunto de soluções, o jornalismo cultural impõe a existência de um plano bem estruturado e de uma acção persistente, servidos ambos por uma perfeita lucidez de conceitos e por uma visão extraordinariamente ampla e ousada. E deverá dispor dos elementos suficientes para tal e capazes de efectivar uma divulgação honesta e consciente ao alcance da mentalidade pouco evoluída do povo, tanto na linguagem como na maneira de divulgar — porque a divulgação, mais do que uma técnica, é uma arte cujos segredos bem poucos conhecem.

Divulgar cultura não é tarefa fácil, nem coisa que se pense fazer de ânimo leve. E um jornal regionalista que pretenda ser, simultaneamente, cultural renegado a sua missão, se passar da cultura puramente divulgativa para uma cultura ecléctica, que tem, forçosamente, de se dirigir apenas a um público de elite e atraiçoa completamente os seus leitores se a cultura divulgada for tendenciosa, sobretudo porque a verdadeira cultura não tem tendências e fundamenta-se apenas em sérios conhecimentos humanos.

Estamos plenamente de acordo — e entendemos até necessário — que um jornal não seja apenas regionalista, porque a cultura popular, a verácia e a cultura popular, é coisa que anda muito menosprezada e vilipendiada entre nós, apesar de ser o que mais falta faz ao nosso povo.

E' frequente, mas nefasto, vermos confundir efemérides de almanaque barato com divulgação cultural, e quase sempre acontece ser intencional a confusão. Tal prática pode significar ignorância ou demasiada esperteza, desejo de impingir gato por lebre, afeirando um lucro certo e fácil. Uma coisa ou se faz ou se não faz; agora caminhar como aprendiz de funambulo pela corda bamba, ou proceder como mercador de feira, é que não.

Dirigir um jornal é tarefa simultaneamente ingrata e grandiosa, que impõe uma formação moral perfeita, uma visão fora do normal e um apuro inatingível, a par de uma cultura vasta e realista. Impõe ainda um sentido de humana compreensão das virtudes e dos defeitos alheios, que permita amparar as boas intenções e saber distinguir o talento da mediocridade e aceitar agradecidamente a boa vontade e a colaboração que espontaneamente lhe seja prestada ou oferecida, sobretudo quando essa colaboração possa visar a consecução de um fito comum. Implica ainda um respeito absoluto pelos leitores e colaboradores, fundamentais baluartes de um periódico.

Há ainda um contributo valioso — que na imprensa regional portuguesa anda muito por baixo — que não pode ser descurado, nem esquecido num jornal: o seu aspecto gráfico, e dele depende, muitas vezes, o sucesso ou o fracasso.

Um jornal sem aspecto gráfico cuidado não pode atrair nem anunciar-se nem leitores. Os próprios colaboradores mais valiosos fugirão, e a folha estará condenada a uma vida vegetativa ou, mesmo, à morte.

José dos Santos Marques

EMPREGADO

PRECISA a «Agência Comercial e Marítima do Sul», Avenida da República, 65 — Vila Real de Santo António.

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:

Apartado n.º 13 - FARO.